

WALTER BENJAMIN: A LITERATURA INFANTIL E A ARTE DE NARRAR

WALTER BENJAMIN: A CHILDREN'S LITERATURE AND ART NARRATE

Claudecir dos Santos¹

Estelamaris Galiazzi²

RESUMO

O presente artigo faz uma análise da Literatura Infantil à luz das concepções de narração e do papel do narrador expressas pelo filósofo alemão Walter Benjamin. Partindo de algumas observações acerca das relações entre a infância e a literatura, o artigo se volta às implicações da arte de narrar apresentadas Walter Benjamin, com o intuito de mostrar que a narração é uma condição privilegiada para transmitir uma experiência edificante às crianças. Seu objetivo, portanto, é perceber as imbricações entre narração e infância, para evidenciar a Literatura Infantil como o gênero literário capaz de alcançar a altura das crianças.

Palavras-chave: Infância, Narração, Walter Benjamin.

ABSTRACT

This article analyzes the Children's Literature in the light of narration conceptions and the narrator's role expressed by the German philosopher Walter Benjamin. Starting with a few remarks about the relationship between childhood and literature, the article turns to the implications of art of narrating presented Walter Benjamin, in order to show that the story is a prime condition to convey an uplifting experience for children. Your goal, therefore, is to realize the overlapping of narration and childhood, to highlight the Children's Literature as the literary genre able to reach the height of children

Keywords: Childhood, Narration, Walter Benjamin.

¹ Doutor em Filosofia. Professor no PPGE da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS.

² Mestranda em Educação na Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

INTRODUÇÃO

Voltar-se à literatura infantil e observá-la através das narrações da infância é o primeiro passo que estamos dando rumo a um estudo maior sobre a concepção de infância em Walter Benjamin. Para este momento, optamos em fazer uma breve reflexão acerca da relação entre literatura e infância, apontar algumas das percepções de Benjamin sobre a narração e, por fim, apresentar algumas ideias sobre a narração *na* Literatura infantil e o resgate das “falas recolhidas”.³

Na primeira parte do texto, nas reflexões sobre *a relação entre literatura e infância*, estão expostas algumas ideias sobre a forma com que a infância foi tratada ao longo da história. Fundamentado nas descrições da infância da professora Nelly Novaes Coelho, o texto apresenta um conceito de literatura infantil e tenta responder qual seria a sua função em nossa época.

Na segunda parte do texto estão as observações de Walter Benjamin sobre o papel do narrador e a arte de narrar. Sob o título: *o olhar benjaminiano à infância*, nessa segunda seção, o texto resgata a visão e compreensão de Benjamin sobre a infância, que se soma à crítica que ele faz aos processos da indústria cultural que padroniza e mecaniza o brincar. Sem brincar, sem criar o seu mundo a partir do que está a sua volta, a imaginação da criança não será despertada. Essas são algumas das preocupações de Benjamin que o texto resgata para, a partir delas, refletir sobre a narração e a infância.

Na terceira parte: *a narração na literatura infantil e o resgate das falas recolhidas*, o texto faz memória ao escritor Monteiro Lobato e a sua afirmação de que: um dia ainda escreveria livros onde as crianças pudessem morar. A ideia de trazer Monteiro Lobato ao texto está relacionada ao desejo de Benjamin em descer à altura das crianças para entender o que elas desejam e propõe. Um caminho difícil de ser seguido, mas compensador.

Por fim, nas considerações finais, estão algumas convicções prévias, entre elas a de que: se a literatura infantil é um lugar para se morar, como desejava Monteiro Lobato, esse lugar, para ser educativo, deve conquistar a condição de ser narrado. Nesse sentido, um lugar para se morar tem que ser uma morada para se narrar. Nessas condições a infância se tornará uma época de criatividade, construções e realizações. Mas somente saberemos disso quando o sentido do mundo construído pelas crianças tiver a oportunidade e a força de narrar o que foi vivenciado.

AS RELAÇÕES ENTRE A INFÂNCIA E A LITERATURA

Observar a relação entre literatura e infância é uma tarefa que, quanto mais se avança nela, mais se abrem caminhos propícios à compreensão da nossa história. Ou seja, muitos dos valores e concepções que hoje defendemos não nasceram conosco, mas foi na infância que eles se fortaleceram. Muitos dos valores vivenciados na infância perseguem e ultrapassam a vida adulta chegando às futuras gerações.

Nesse sentido, a relação entre literatura e infância é uma possibilidade frutífera para a compreensão acerca do tratamento dado às crianças ao longo da história. Mas é preciso estar atento ao

³“Fala recolhida” é uma expressão usada por Monteiro Lobato quando descreveu o dia em que Emília - a boneca de pano - ganhou fala, e por três horas falou sem parar. No último título desse artigo voltaremos a história.

contexto das produções. Isso porque, à luz do espírito de cada época, muitos escritos podem apresentar a infância como uma “fase” menor da vida, desconsiderando os pormenores que cercam o mundo infantil.

Sobre isso, a professora Nelly Novaes de Coelho, estudiosa a longa data da literatura infantil, faz a seguinte afirmação: “cada época compreendeu e produziu literatura a seu modo. Conhecer esse ‘modo’ é, sem dúvida, conhecer a singularidade de cada momento da longa marcha da humanidade em sua constante evolução” (COELHO, 2000, p. 27). Por essa razão, acrescenta a professora: “conhecer a literatura infantil que cada época destinou às crianças é conhecer os ideais e valores ou desvalores sobre os quais cada sociedade se fundamentou (e se fundamenta)” (COELHO, 2000, p. 27).

A literatura infantil, portanto, tem uma história. Nessa história ele se revela como um fenômeno que ganha vida, graças àquilo que está na condição da humanidade, ou seja, *imaginar e criar*. Portanto, literatura infantil é sim literatura. Sobre esse ponto, concordamos com a professora Nelly Coelho. Para ela,

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização... [...] em essência, sua natureza é a mesma da que se destina aos adultos. As diferenças que a singularizam são determinadas pela natureza do seu *leitores/receptor*: a criança. (COELHO, 2000, p. 27-29).

Até pouco tempo, a literatura infantil foi considerada por muitos como um gênero menor, ou seja, como criação literária ela era desprezada. Quando observamos relação entre literatura e infância, percebemos que o desprestígio da literatura infantil está associado aos olhares, muitas vezes equivocados, dos adultos sobre as crianças.

O caminho que a literatura infantil vem percorrendo é longo, mas sempre esteve fundido na emergência das mudanças. Por emergência entenda-se não somente aquilo que representa o novo, mas aquilo que emerge no bojo das experiências. Dessa forma, a literatura infantil que colhe das experiências da infância o conteúdo a ser narrado, consegue “enxergar” o que as crianças expressam como algo que faz sentido para o mundo que, constantemente, criam e recriam.

Nas produções iniciais da literatura infantil, não era a criança propriamente que aparecia, mas sim, o adulto que tentava interpretar o mundo da criança. O adulto em miniatura, nesse caso, dificilmente conseguia fazer o que Walter Benjamin sugeriu: *descer à altura das crianças*. Ao contrário dessa possibilidade, ao adaptar um livro adulto para um público infantil, embora se cumprisse com um objetivo nobre: “atrair o pequeno leitor/ouvinte e levá-lo a participar das diferentes experiências que a vida pode proporcionar, no campo do real ou do imaginário” (COELHO, 2000, p. 30), os autores e autoras da literatura infantil, de modo geral, ainda não estavam construindo um lugar para crianças morar e lá viver experiências possíveis de serem narradas.

Foram as descobertas oriundas de diversos campos do conhecimento, como a psicologia, por exemplo, que ampliaram as noções sobre o mundo infantil e deram novos elementos à literatura infantil que a encorajaram a dar passos mais seguros no longo caminho da literatura.

Conforme as descobertas foram acontecendo, a noção de criança também foi se ampliando. Esse fato, diz Coelho, “torna-se decisivo para a literatura infantil/juvenil adequar-se ou conseguir falar,

com autoridade, aos seus possíveis destinatários” (COELHO, 2000, p. 30). Se compararmos essa situação com as descobertas da psicologia, por exemplo, concluiremos que a literatura infantil não é velha. Ou seja, enquanto gênero literário com funções educativas voltadas ao mundo infantil, ela está para a literatura como as descobertas do *estágio do desenvolvimento da criança* estão para a psicologia. Em outras palavras, na história, ela é um gênero literário recente.

Contudo, independentemente da idade literatura infantil, quando se fala da natureza da literatura infantil, não tardam a surgir diferentes interpretações. A partir delas, também não tarda a aparecer a seguinte questão: qual seria a função da literatura infantil em nossa época? Em resposta a essa questão Nelly Coelho, cita Marc Soriano. Na definição de Soriano está uma das respostas para a função desse gênero literário:

A literatura infantil é uma comunicação histórica (localizada no tempo e no espaço) entre um locutor ou escritor-adulto (emissor) e um destinatário-criança (receptor) que, por definição, ao logo do período considerado, não dispõe senão de modo parcial da experiência do real e das estruturas linguísticas, intelectuais, afetivas e outras que caracterizam a idade adulta. [...] se a infância é um período de aprendizagem, toda mensagem que se destina a ela, ao longo desse período, tem necessariamente uma vocação pedagógica (SORIANO, *apud* COELHO, 2000, p. 30-31).

Se a idade adulta sofre influências do real e das estruturas linguísticas vividas pela criança, logo, entender que literatura infantil é pedagógica, é um importante passo rumo à compreensão, valorização e enriquecimento desse gênero literário. Entretanto, muitas das tentativas de compreensão, tornaram-se experiências de pedagogização da infância. Esta é uma das grandes preocupações expressas por Walter Benjamin ao tratar da criança e da infância. Em outro momento nos ateremos a essa questão.

Por ora, importa dizer que, na concepção benjaminiana, o fato da criança construir seu mundo a partir dos *restos da história*, daquilo que os adultos descartam, informa que o que faz sentido para ela é a experiência de dar sentido ao que cria. No mundo que as crianças constroem a partir desses restos, tem valor o que ganha vida em sua imaginação. E sabe-se que isso foi significativo à criança quando ela consegue narrar o que viveu, principalmente, quando essa experiência permanece viva em sua memória e na vida adulta consegue ser narrada. Vejamos com mais detalhes como Benjamin olhava a infância.

O OLHAR BENJAMINIANO À INFÂNCIA

Tratando-se da concepção de infância expressa por Walter Benjamin, a primeira atitude a ser tomada é não olhar a infância a partir de uma altura que não se possa enxergá-la como ela deveria, de fato, ser enxergada. Quem comete esse equívoco, segundo o entendimento de Benjamin, não raras vezes, desrespeita as manifestações da vida infantil por julgá-las sob os conhecimentos e valores do mundo adulto.

Para início de conversa, portanto, cabe perguntar: o que o olhar filosófico de Benjamin avistava quando se voltava ao mundo infantil? Eis o que ele via e compreendia: “as crianças fazem histórias a partir dos restos da história, o que as aproxima dos inúteis e dos marginalizados” (BENJAMIN, 1994a, p. 14). A visão e compreensão de Benjamin se soma a crítica que ele faz aos processos da indústria

cultural que padroniza e mecaniza o brincar. Esse processo retira a capacidade de estabelecer relações com o brinquedo e também com a tradição.

A relação que a criança estabelece com a tradição possibilita o resgate com os silêncios do passado. As experiências infantis com as brincadeiras possibilitam a criação de um mundo particular onde a verdade se confunde com a própria experiência. Diante disso, o que precisa ser pensado é: o que está sendo oferecido às crianças para brincarem com o mundo? O palco onde estão brincando oferece condições para o enriquecimento das experiências e revitalização do passado através da rememoração, a ponto de poder ser narrado o que se vive às futuras gerações?

Um bom exemplo para ilustrar a influência dos adultos na vida das crianças é o uso do brinquedo. Na visão benjaminiana há uma relação reveladora de como o adulto vê e sente a criança quando com esta se relaciona através de brinquedos,

O brinquedo, mesmo quando não imita os instrumentos dos adultos, é confronto, na verdade não tanto da criança com os adultos, do que destes com as crianças. Pois de quem a criança recebe primeiramente seus brinquedos se não deles? E embora reste a criança uma certa liberdade em aceitar ou recusar as coisas, muitos dos mais antigos brinquedos (bola, arco, roda de penas, papagaio) terão sido de certa forma impostos à criança como objetos de culto, os quais só mais tarde, graças a força de imaginação da criança transforma-se em brinquedos (BENJAMIN, 1984, p. 73).

As reflexões de Benjamin em relação à criança, ao brinquedo e à educação, são ricas em conteúdo porque não apenas descrevem o significado do brinquedo na infância, mas, também, exemplificam o que acontece, como e quando o próprio brinquedo se transforma em um objeto não educativo.

Na *História cultural do brinquedo*, por exemplo, o autor enxerga um apelo pedagógico existente na evolução do mesmo. Esse apelo, porém, não pode transformar-se em um processo de pedagogização da infância. Benjamin entende que a crença exagerada no poder do desenvolvimento técnico e científico, junto com a pobreza da experiência e a ausência da reflexão crítica, são, em grande escala, responsáveis pela construção de brinquedos que não estimulam a criatividade da criança.

Se o intuito da educação for a emancipação do homem, então, é preciso atentar para essa realidade, pois se não conseguem desenvolver a criatividade, o que restará às crianças? Sobre isso, Benjamin escreve,

Assim como o mundo da percepção infantil está marcado por toda parte pelos vestígios da geração mais velha, com os quais a criança se defronta, assim também ocorre com seus jogos. É impossível construí-los em um âmbito da fantasia, no país feérico de uma infância ou de uma arte pura. (BENJAMIN, 1984, p. 72).

O jogo, como parte da brincadeira infantil, tem em si um grande potencial pedagógico que pode transformar-se em um diferencial no processo de ensino-aprendizagem; adultos e crianças divertem-se e aprendem na brincadeira. Benjamin recorda que nos jogos alemães, repetir a mesma coisa seria o elemento verdadeiramente comum. Nesse caso, “a essência do brincar não é um ‘fazer como se’, mas um ‘fazer sempre

de novo', transformação da experiência mais comovente em hábito" (BENJAMIN, 1984, p. 75). A diversão e o aprendizado de ambos os envolvidos no jogo, segundo o autor, encontra-se no fato de que "o adulto, ao narrar uma experiência alivia o seu coração dos horrores, goza novamente uma felicidade. A criança volta a criar para si o fato vivido, começa mais uma vez do início" (BENJAMIN, 1984, p. 75).

O conteúdo presente nas observações feitas por Benjamin sobre a infância demonstra que esse preocupar-se com as novas gerações e com as formas com que elas estão sendo educadas, é um jeito de manter-se crítico ao presente e cuidar do futuro. Para tanto, será preciso enxergar aquilo que não é mostrado, ouvir o que é abafado e sentir o que não foi tocado.

É nesse contexto que a narração e o narrador ganham importância na obra de Walter Benjamin. A extinção da arte de narrar, descrita pelo filósofo, é uma preocupação que permeia toda sua obra. Tal preocupação é resultado das suas observações sobre o fim das narrativas que, segundo ele, está ligada à pobreza de experiências e ao atrofiamento da memória.

A ARTE DE NARRAR

Nos primeiros escritos sobre a narração, no ensaio sobre o narrador, Benjamin demonstra estar preocupado com uma grave situação, qual seja: "a experiência da arte de narrar está em vias de extinção" (BENJAMIN, 1994a, p. 197). Essa preocupação permeará todo o seu pensamento. É na discussão sobre a narração que ele faz alguns apontamentos sobre a pobreza de experiências e o atrofiamento da memória. A conclusão que Benjamin chega em relação à extinção da arte de narrar é resultado dos dados colhidos no cotidiano ou, como ele diz, "quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inviolável: a faculdade de intercambiar experiências" (BENJAMIN, 1994a, p. 198).

Para Benjamin, "a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos" (BENJAMIN, 1994a, p. 198). E quem seriam esses narradores anônimos? Entre eles, responde Benjamin, "existem dois grupos que se interpenetram de múltiplas maneiras. A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presente esses dois grupos" (BENJAMIN, 1994a, p. 198). O estilo ou a forma de vida de quem faz parte desses grupos propicia que os mesmos tenham o que narrar. Esses dois grupos estão assim divididos: de um lado, os viajantes "quem viaja tem muito que contar, diz o povo, e com isso imaginava o narrador como alguém que vem de longe" (BENJAMIN, 1994, p. 198-199). De outro, "o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições" (BENJAMIN, 1994, p. 198-119).

Benjamin ainda exemplifica quem seriam os representantes desses grupos: um estaria na pessoa do camponês sedentário e, o outro, na do marinheiro comerciante, respectivamente. Na realidade, afirma Benjamin, "esses dois estilos de vida produziram de certo modo suas respectivas famílias de narradores. Cada uma delas conservou no decorrer dos séculos, suas características próprias" (BENJAMIN, 1994a, p. 199).

De modo geral, diz Benjamin, a interpenetração desses tipos arcaicos, sofreu grandes abalos na modernidade. O *senso prático*, uma das "características de muitos narradores" (BENJAMIN, 1994a, p. 200),

não está sendo revelado pelos escritores da modernidade. São as atribuições básicas que explicitam esse senso prático, tais atribuições podem ser encontradas nos conselhos úteis que um narrador expressa para o dia-a-dia das pessoas.

Qual a contribuição de uma verdadeira narrativa? De acordo com Benjamin, nota-se a contribuição de uma narrativa, quando as informações estão em acordo com aquilo que uma narrativa deve conter, ou seja, uma narrativa “tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida” (BENJAMIN, 1994a, p. 201). Ao longo da história, as obras de muitos autores, com maior ou menor grau de profundidade cumpriram com as exigências que uma verdadeira narrativa pressupõe. Porém, a arte de narrar está definhando. Por que isso está acontecendo? Vejamos o que Benjamin fala sobre isso,

O narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se dar conselhos parece hoje algo antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Em consequência, não podemos dar conselhos nem a nos mesmos nem aos outros. Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. Para obter essa sugestão é necessário primeiro saber narrar a história (sem contar que um homem só é receptivo a um conselho na medida em que verbaliza a sua situação). O conselho tecida na substância viva da existência tem um nome: a sabedoria. A arte de narrar está definhando porque a sabedoria - o lado épico da verdade - está em extinção (BENJAMIN, 1994a, p. 200-201).

Antes que alguém pense que esse processo da extinção é típico ou exclusivo da nossa época, Benjamin se apressa em anotar que ele vem de longe, nada seria mais tolo, diz Benjamin “que ver nele um sintoma de decadência ou característica moderna, ele tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas” (BENJAMIN, 1994a, p. 201). É em meio a um processo de desenvolvimento que aos poucos a experiência coletiva (*Erfahrung*) foi e vai sendo substituída pelas vivências individualizadas (*Erlebniz*). Por esse motivo, a narrativa também foi e vai sendo expulsa do meio discursivo.

É claro que, a partir da modernidade, algumas outras formas de discurso ajudaram para que as narrativas tradicionais fossem desaparecendo.

Duas são as principais formas de narrar ou contar que influenciaram e contribuíram para o atrofamento e/ou, o fim das narrativas. Segundo Benjamin,

O primeiro indício da evolução que vai culminar na morte da narrativa é o surgimento do romance moderno. O que separa o romance da narrativa (e da epopeia no sentido estrito) é que ele está essencialmente vinculado ao livro. A difusão do romance só se torna possível com a invenção da imprensa. A tradição oral, patrimônio da poesia épica, tem uma natureza fundamentalmente distinta da que caracteriza o romance. O que distingue o romance de todas as outras formas de prosa - contos de fada, lendas e mesmo novelas - é que ele nem procede da tradição oral nem a alimenta (BENJAMIN, 1994a, p. 201).

Esta distinção do romance para com a narrativa feita por Benjamin serve para justificar a sua afirmação de que a extinção das narrativas tradicionais faz parte do processo de transformação das

sociedades. As modificações pelas quais o trabalho passou, por exemplo, e as demais modificações que foram provocadas pelo desenvolvimento do progresso técnico-científico, contribuíram para o surgimento do romance. Dessa forma, Benjamin entende que “a origem do romance é o indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre as suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos nem sabe dá-los” (BENJAMIN, 1994a, p. 201). Essa realidade é o oposto da narrativa que, como vimos anteriormente, sempre repassa um ensinamento, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa forma de vida.

Benjamin cita um exemplo dessa diferença, mostrando a não contribuição do romance para os atributos que uma narrativa comporta. “O primeiro grande livro do gênero ‘Dom Quixote’, mostra como a grandeza de alma, a coragem e a generosidade de um dos mais nobres heróis da literatura são totalmente refratárias ao conselho e não contem a menor centelha de sabedoria” (BENJAMIN, 1994a, p. 201). Ainda discutindo sobre essa questão, Benjamin considera que as tentativas feitas durante os séculos para incluir no romance algum tipo de ensinamento, “resultaram sempre na transformação da própria forma romanesca” (BENJAMIN, 1994a, p. 202).

O que se evidencia nessa afirmação de Benjamin sobre o desenvolvimento histórico do romance é que o mesmo não nasceu na modernidade. O que aconteceu é que na modernidade ele sofreu transformações antes inimagináveis. Sobre isso, Benjamin diz que “o romance, cujos primórdios remontam à antiguidade, precisou de centenas de anos para encontrar, na burguesia ascendente, os elementos favoráveis a seu florescimento” (BENJAMIN, 1994a, p. 202). Com os novos investimentos que recebeu, o romance começou a se expandir de forma rápida e passou a ser mais “fácil” escrevê-lo. O cenário moderno foi propício para que isso acontecesse e por isso a narrativa passou a ser percebida como uma forma ultrapassada de relatar.

A outra forma de contar ou descrever uma história que ajudou a expulsar a narrativa na modernidade foi a informação jornalística. A esse respeito Benjamin escreve,

Com a consolidação da burguesia - da qual a imprensa, no alto do capitalismo, é um dos instrumentos mais importantes - destacou-se uma forma de comunicação que, por mais antigas que fosse suas origens, nunca havia influenciado decisivamente a forma épica. Agora ela exerce essa influência. Ela é tão estranha à narrativa como o romance, mas é mais ameaçadora e, de resto, provoca uma crise no próprio romance. Essa nova forma de comunicação é a informação (BENJAMIN, 1994a, p. 202).

O grande mérito da informação é a novidade. A imediaticidade dos fatos dá à informação jornalística o rótulo de disseminadora do conhecimento, daquilo que está acontecendo no mundo. Benjamin questiona a difusão de informações dizendo que “cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações” (BENJAMIN, 1994a, p. 203). A diferença crucial entre informação e narrativa, segundo Benjamin, é que a informação só tem valor no momento que é nova. “Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo é capaz de se desenvolver” (BENJAMIN, 1994a, p. 204).

Essas duas formas de comunicação e de relato, o romance e a informação jornalística, que se fizeram valer na e com a modernidade, deram a Benjamin a possibilidade de compreender a importância das narrativas. Como se percebe, Benjamin não dissocia uma coisa da outra, ou seja, ele não analisa o fim das narrativas isoladamente. Ele olha o todo do desenvolvimento da humanidade e seu processo de evolução. Por isso, nos ensaios: *O Conceito de História; Experiência e Pobreza e O Narrador*, entre outros, há uma ligação dos fatos. Em função das interligações entre conceitos e concepções, Gagnebin faz a seguinte observação,

O ensaio sobre o 'narrador' é uma nova tentativa de pensar juntos, de um lado o fim da experiência e das narrativas tradicionais, de outro a possibilidade de uma forma narrativa diferente das baseadas na prioridade do *Erlebnis*, qual o romance clássico que consagra a solidão do autor, do herói e do leitor, ou qual a informação jornalística, finalmente coletiva, que reduz as longínquas distâncias temporais e espaciais à exiguidade da novidade (GAGNEBIN, 1994, p. 71).

O desenvolvimento da imprensa foi e continua sendo o grande suporte da informação jornalística e também do romance. Entretanto, a narrativa que sempre se desenvolveu em espaços comuns, frequentáveis por diferentes pessoas em diferentes situações, coloca-se na contramão de todo esse desenvolvimento, isso acontece porque as formas de contar e relatar uma história são diferentes. Enquanto a informação jornalística tem seu mérito apenas enquanto é nova e o romance é desprovido de conselho, a narrativa consegue superar essas limitações.

Benjamin afirma que num certo sentido a narração “é uma forma artesanal de comunicação” (BENJAMIN, 1994a, p. 205). Isso se deve à condição que ela tem de não estar interessada em transmitir “o puro em si da coisa narrada como uma informação ou relatório. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIN, 1994a, p. 205).

Em síntese, é possível dizer que, em relação ao narrador, a questão central sobre que preocupa Benjamin encontra-se na seguinte conclusão: “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (BENJAMIN, 1994a, p. 201). Nesse sentido, fazendo uso dos mecanismos linguísticos que possibilitam a comunicação, os narradores, por meio das narrativas, deverão ser os conselheiros das modernas gerações que não conseguem e/ou não sabem mais escutar.

A NARRAÇÃO NA LITERATURA INFANTIL E O RESGATE DAS “FALAS RECOLHIDAS”

Um dos maiores escritores brasileiros no campo da literatura infantil, Monteiro Lobato, considerado por muitos como o pai da literatura infantil brasileira, em certa ocasião, manifestou seu desejo de seguir um novo caminho: *escrever livros para crianças*. De escrever para marmanjos já enjoei. “Bichos sem graça”. Disse Lobato.

Monteiro Lobato desceu à altura das crianças e passou a entender que *para as crianças um livro é todo um mundo*. Foi esse o caminho que ele desejou seguir. Um caminho difícil de ser seguido, mas igualmente compensador. No caso de Lobato, a recompensa tem origem no compromisso que ele assumiu.

Tal compromisso foi por ele expresso com as seguintes palavras: “ainda acabo escrevendo livros onde as crianças possam morar” (LOBATO, *apud* COELHO, 1991, p. 228).

Não por acaso Lobato desejava construir, com palavras, uma casa para crianças morar, ele próprio, quando criança, viveu em lugares semelhantes. “Lembro-me de como vivi dentro do Robinson Crusóe de Laemmert” (LOBATO, *apud* COELHO, 1991, p. 228). Um livro, segundo ele, não pode servir para uma leitura e se jogar fora, mas deve servir para morar “como morei no Robinson e n’Os filhos do Capitão Grant” (LOBATO, *apud* COELHO, 1991, p. 228).

Preocupação semelhante à de Monteiro Lobato foi expressa pelo filósofo alemão Walter Benjamin. Para Benjamin, conforme os anos vão passando, os sentimentos de culpa e felicidade passam a fazer parte da vida daqueles e daquelas que já deixaram para trás a infância. Segundo o filósofo, na vida infantil, as manifestações das crianças pretendem, sobretudo, conservar em si os sentimentos essenciais. São esses sentimentos que se perdem com a passagem da infância para uma nova fase da vida. Por isso, diz ele, “nada mais confortante e, ao mesmo tempo, elucidativo do que permitir ao olhar que, da altura desses anos venha repousar nos campos estilhaçados, porém, pacíficos da infância” (BENJAMIN, 1984, p. 43). E conclui, “é necessário primeiro alcançar essa altura, somente então a infância poderá ser comparada à seriedade do destino atual” (BENJAMIN, 1984, p. 43).

Walter Benjamin e Monteiro Lobato, portanto, nos convidam a rever o conceito de *infância* numa perspectiva em que a criança possa ser reconhecida como um ser social. As particularidades e necessidades que o mundo infantil expressa dizem coisas, não raras vezes, incompreensíveis ao mundo adulto. No entanto, como os adultos preponderam sobre os menores em força e convencimento, é da “altura adulta” que o incompreensível é julgado. Benjamin e Lobato, a partir do que entenderam sobre as crianças, propuseram um novo caminho para diminuir a distâncias que separam o mundo adulto do mundo infantil.

Benjamin e Lobato se aproximam em algumas ideias, especialmente, as que se relacionam a arte de narrar. Seus olhares à infância continuam guiando os olhares daqueles e daquelas que se preocupam com essa fase da vida.

No início da década de 1920, quando o jovem Walter Benjamin já despontava como uma promessa da filosofia, Monteiro Lobato, numa época em que livros infantis no Brasil ainda eram uma raridade, se apresentava como um escritor com pretensões e criações inéditas no campo da literatura infantil. As polêmicas com as quais se envolveu desde cedo, não o diminuem em nada a sua condição de narrador.

A figura diferenciada do narrador, aquele que sabe contar histórias, como disse Walter Benjamin, é perceptível ao longo das obras de Monteiro Lobato, mas, talvez, seja nas obras *A Menina do Narizinho Arrebitado*, *Reinações de Narizinho* e *Memórias de Emília* que mais se enxerga a presença magnífica do narrador na construção da história e no respeito à *altura* das personagens.

Não por acaso as histórias do Sítio do Pica Pau Amarelo ultrapassam gerações. Lobato conseguiu o que queria, construiu um lugar para crianças morar. As experiências das crianças no Sítio são narradas com o sentido que lhes é conferida quando as vivenciam. As ações da boneca Emília, uma boneca de pano que ganha fala, é elucidativo. O momento em que a boneca ganha fala, aliás, é memorável. Assim que Emília engoliu a pílula que o doutor lhe dera, começo a falar e não parou mais, falou por três horas seguidas. *Falou tanto que Narizinho, atordoada, disse ao doutor que era melhor fazê-la vomitar*

aquela pilula e engolir outra mais fraca. - Não é preciso - explicou o grande médico. - Ela que fale até cansar. Depois de algumas horas de falação, sossega e fica como toda gente. Isto é “fala recolhida”, que tem de ser botada para fora.

A fala recolhida de Emília é a fala que por muito tempo esteve presente nos livros infantis. A fala recolhida *tem que ser colocada para fora*. É essa ação a ser encarada pela literatura infantil. A narração na literatura infantil precisa identificar as *falas recolhidas* e, da altura das crianças, narrar experiências onde a sabedoria se transforma no dispositivo que permite as crianças construírem lugares onde possam se movimentar, criar e recriar um novo mundo a partir do que está a sua volta.

Em síntese, no que se refere à infância, o recado de Benjamin e Lobato é o seguinte: *o adulto que tem por intenção construir uma casa onde as crianças possam morar terá que descer a altura da infância*. Somente assim as crianças vão sentir-se, literalmente, em casa. Segundo os autores citados, é este o caminho que a literatura infantil precisa, constantemente, reencontrar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é comum fazer citações de autores nas considerações finais/conclusão de um trabalho, mas optamos por terminar esse citando Walter Benjamin. Nas últimas linhas explicamos por que. O grande narrador, diz Benjamin, “tem sempre suas raízes no povo, principalmente nas camadas artesanais” (BENJAMIN, 1994a, p. 214). Esse narrador é como aquele dos contos de fadas: “esse conto sabia como dar um bom conselho, quando ele era difícil de obter, e oferecer sua ajuda, em caso de emergência” (BENJAMIN, 1994a, p. 215). É assim que deve agir o verdadeiro narrador, dando conselhos, ajudando as pessoas a libertarem-se de seus possíveis aprisionamentos.

O narrador, segundo o filósofo, é aquele que sabe dar conselhos, “não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos como o sábio” (BENJAMIN, 1994a, p. 221). E como ela consegue fazer isso? Recorrendo ao acervo de toda uma vida: “uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia” (BENJAMIN, 1994a, p. 221).

Ao narrar uma *experiência coletiva*, que se define como *coletiva*, exatamente pela condição de poder ser contada e recontada, o narrador mantém ativa a memória, e o grande tempo não é ignorado. Por isso, conclui Benjamin, “seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la por inteira” (BENJAMIN, 1994a, p. 221).

Escolhemos essas palavras de Walter Benjamin, não apenas porque elas revelam o que ele pensa sobre o narrador e a narração, mas porque elas expressam, com uma boa dose de exemplificações, aquilo que até agora estamos falando: a literatura infantil cumprirá, cada vez mais, com a sua importantíssima função, na medida em que o narrador descobrir ou redescobrir seu verdadeiro papel na história.

A arte de narrar, de acordo com o pensamento de Walter Benjamin, é uma condição privilegiada para transmitir uma experiência edificante às crianças. Em nossa convicção, a literatura infantil é o gênero literário que melhor expressa à possibilidade de viver essa condição. Nossa intenção é continuar estudando-a tendo como horizonte essa convicção. Por ora, como já foi dito, voltar-se a ela e observá-la à luz da narração foi um passo dado rumo a um objetivo maior.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense. 1994a.

_____. **Reflexões**: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1984.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2000.

_____. **Panorama histórico da literatura infanto/juvenil**. São Paulo: Ática, 1991.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narração em Walter Benjamin**. Fapesp, Campinas, São Paulo. 1994.

_____. **Walter Benjamin**: Os Cacos da História. 2. ed. São Paulo: Brasiliense. 1993.

LOBATO, Monteiro. Cartas escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1959.

_____. **Reinações de Narizinho**: textos escolhidos e comentados para uso escolar. São Paulo: Brasiliense, 1995-2000.

RODRIGUES, Inara de Oliveira; SACRAMENTO, Sandra M. Pereira. Literatura infanto-juvenil: pedagogia - módulo 5, v. 1, **EAD / Elaboração de conteúdo**: Sandra Maria Pereira do Sacramento, Inara de Oliveira Rodrigues. - [Ilhéus, BA]: EDITUS, [2011]. Disponível em: <<http://goo.gl/DSlysh>>.